

# CONSIDERAÇÕES PSICANÁLITICAS SOBRE O TRABALHO: POSSIBILIDADES DE TRANSFORMAÇÃO DA PSÍQUE E DO MUNDO MATERIAL

Marcelo Garcia NAVARRO \*

**RESUMO:** No presente artigo apresento reflexões acerca da relação entre imaginação e razão, contidas nas obras de Gaston Bachelard e Herbert Marcuse, e a importância de tal discussão para a educação. A docência adquire categoria filosófica porque ela pode estabelecer parâmetros para uma disciplina estética que redimensione a relação da imaginação com a razão. O que se propõe é outro paradigma epistemológico e uma filosofia do psiquismo imaginante. O primeiro sugere rupturas epistemológicas, a segunda, novas possibilidades estéticas. Trata-se de uma disciplina estética que procura compreender a relação dialética e oscilante da imaginação com a razão. Bachelard sugere, para tanto, uma pedagogia psicanalítica que propõe como conceito e método a vigilância intelectual de si, e distingue a censura moral, imbuída de caráter autoritário, do relativismo da vigilância intelectual. O trabalho docente assume posição estratégica na formação e na transformação da cultura quando procura transcender a realidade e considera a possibilidade de construção de um novo mundo. Tal transformação só pode se realizar através da ação de um sujeito histórico, essencialmente novo, que busca autonomia e confronta

---

\* Mestre em Educação. UNIMEP – Universidade Metodista de Piracicaba – Pós-Graduação em Educação. Piracicaba – SP – Brasil. 13400-911 – mgarcianavarro@ig.com.br

a mecânica da submissão que impõe os padrões psicológicos e de organização do aparato.

**PALAVRAS-CHAVE:** Imaginação. Razão. Oscilação. Trabalho. Trabalho educativo.

Este artigo tem como pano de fundo as discussões sobre a relação entre imaginação e razão, contidas nas obras dos filósofos Gaston Bachelard e Herbert Marcuse, e sua influência na educação. Para tanto, discute a dimensão do trabalho na atualidade e evidencia a necessidade do trabalho educativo não ser mais caracterizado pela sociedade industrial. Nesse contexto, a educação estética e a proposta de um novo padrão epistemológico para a educação são apresentadas como essenciais para repensar a educação, considerando a possibilidade da construção de um novo mundo, realizada por um novo sujeito histórico.

A imaginação criadora é o próprio centro psíquico de onde parte a “extroversão e a introversão.” Bachelard (2001, p.26) descreve o conceito de ritmanálise desenvolvido por Pinheiro do Santos<sup>1</sup>, que tem a imaginação como sendo “o centro de onde partem as ambivalências: a introversão e a extroversão.” Estabelece-se um ritmo no ato imaginativo. A introversão e a extroversão evidenciam a relação íntima existente entre o sujeito que imagina e o objeto resistente e provocador. Sintetizamos assim a dinamologia do psiquismo: a síntese da imaginação e vontade é alcançada quando no trabalho, no confronto com o mundo material, (onde é experimentada, vivenciada) percebe-se a condensação das imagens e das forças. Essa é a primeira das sínteses ao considerarmos uma dinamologia do psiquismo humano.

O psiquismo ativo confronta-se com as imagens e as forças da matéria, impulsionando o que é especificamente humano, ou

---

<sup>1</sup> Bachelard (1988, p.9) apresenta em *A dialética da duração* a seguinte nota bibliográfica: “Lucio Alberto Pinheiro dos Santos, professor de filosofia na Universidade do Porto, Brasil (sic). La rythmanalise, publicação da Sociedade de Filosofia e Psicologia do Rio de Janeiro, 1931.”

seja, o trabalho transformador. Essa dupla relação com o mundo torna mais especializadas todas as ambivalências quando conferimos valores estéticos e morais. O trabalho como futuro próximo e materialmente prefigurado tem como um de seus fatores a imaginação material. Por sua vez, a imaginação material é um dos fatores de nossas ações sobre a matéria.

Ao considerarmos o que dizem Bachelard e Marcuse sobre imaginação e razão notamos ser o conceito trabalho de fundamental importância para que possamos conceber uma objetivação de um novo princípio de realidade. O que se propõe é o redimensionamento da relação entre imaginação e razão, redimensionamento que instiga a mão operante e sugere ação. Consideramos o trabalho, não só do ponto de vista conceitual, mas também do ponto de vista efetivo, ou seja, quando o trabalhador enfrenta a resistência da matéria se evidencia o tempo da matéria, que só pode ser definido pelo “tempo ativo de um trabalho.” O trabalho tonifica-se subjetivamente e obtém sua eficácia objetiva por meio de um ritmo estabelecido entre força e resistência.

A partir de tais considerações, verificamos que materialidade, resistência, transformação se relacionam de forma profunda e dialética entre si e com o trabalho. A imaginação une esses quatro conceitos da seguinte forma: a imaginação necessita de um animismo dialético, que é vivido pelo sujeito que entra em contato com o objeto e sua materialidade. Essa materialidade responde às violências intencionais praticadas pelo sujeito da ação. E se há esse tipo de violência é porque há resistência na matéria. E se o trabalhador toma a iniciativa e aceita a provocação é porque intenciona algum tipo de transformação. A cólera do trabalhador, ou seja, seu sentimento e sua ação em seu enfrentamento com a realidade, não tem a mesma natureza efêmera de quando a criança, em um gesto reflexo, agride um móvel com o qual acabou de se chocar. A cólera do trabalhador é discursiva e com a mesma, tenta imprimir sua marca no mundo. Diante da primitividade rebelde da matéria, essa cólera o anima. Para Bachelard (2001) é quando nos conscientizamos de

nosso trabalho que nos damos conta de nossas potências dinâmicas, suas variedades e contradições.

Bachelard (2001, p.18) ainda discorre sobre o que ele chama de psicologia do contra, que não se contenta “[...] com a pancada, com o choque, mas que sempre promete a dominação sobre a própria intimidade da matéria.” E ao enfrentar a resistência da matéria obtendo progressos em suas tarefas o trabalhador percebe a substancialidade imaginária do contra. A consciência do trabalho e a primitividade da matéria assim apresentadas nos leva a considerar também o trabalho em sua primitividade. O gesto do trabalhador é integrado de alguma maneira à resistência da matéria. A duração desse gesto, num impulso, busca a exatidão e concretude de seu alvo. Bachelard (2001, p.19) acrescenta ainda que “assim a matéria nos revela nossas forças”; revelando-nos também o dualismo energético que une a matéria e a mão, podemos então pôr em ação nossa vontade. Esse dualismo tonifica de forma diferente o dualismo clássico do sujeito e o objeto, “[...] ambos enfraquecidos pela contemplação, um em sua inércia, outro em sua ociosidade.” (BACHELARD, 2001, p.21) O trabalhador impulsiona-se em direção ao mundo material pondo em ação suas energias de transformação. Tendo então a imaginação como força, como produtora do psiquismo, como provocadora do movimento espiritual, como promotora da literatura, como criadora do devir constante e dialético do psiquismo humano é que acreditamos emergir da filosofia bachelardiana a força de sua dimensão dialética. Trata-se de uma dialética que se apresenta como fenômeno profundo. Fenômeno que é vivido, em ato, e é experimentado por uma existência que se percebe.

Em *A Terra e os Devaneios da vontade: ensaio sobre a imaginação das forças* Bachelard (2001) nomeia o primeiro capítulo como “A Dialética do Energetismo Imaginário”. *O mundo resistente*. Trata-se de um texto denso e de rara beleza filosófica no qual o filósofo apresenta, adepto que é da simbologia junguiana, a dialética dos arquétipos duro, que sugere mais resistência, e mole, que sugere menos resistência. Arquétipos estes que se constituem de imagens

primitivas, elementares. O mundo resistente é provocador e tem esta dialética elementar do duro e do mole e, como tal, anima o trabalhador “contra a matéria sempre rebelde, primitivamente rebelde.” (BACHELARD, 2001 p.18). Nesse enfrentamento o trabalhador se realiza como devir, antes mesmo do que como ser. O ser da matéria se dá a conhecer como provocação, como possibilidade de um trabalho futuro, e ao impormos nossos sonhos à matéria, a nossa vontade é experimentada, por nós, de maneira antecipada. O onirismo do trabalhador é ativo. O dualismo clássico da filosofia, sujeito e objeto, demonstra sua fragilidade se o considerarmos sob o prisma de uma energia imaginada. Para Bachelard a resistência do real provoca os devaneios dinâmicos, e esses por sua vez despertam a resistência da matéria.

O psiquismo humano é, então, uma força de acionamento. A atividade imaginante causa a superação do ser diante da mobilidade do real. Vale salientar que o trabalho como aqui é retratado, é o trabalho considerado livre, ou como um ideal a ser conquistado. O trabalhador em sua atividade primitiva pode realizar realizando-se. Não é o trabalho que escraviza, que reprime, o trabalho que é direcionado segundo os ditames da forma e do poder do capital que Bachelard quer evidenciar. Na verdade ele quer ultrapassar os signos, aparências e as formas desta maneira de organização do trabalho. O trabalho compreendido desta maneira, ou seja, em sua primitividade, é que coloca o trabalhador não mais no centro da sociedade, mas sim, no centro do universo.

Ao discutir os “Manuscritos Econômicos-Filosóficos” de Marx, Marcuse observa que no centro da crítica marxista está o conceito de trabalho exteriorizado, oriundo do conceito de objetivação hegeliana. E ainda, acrescenta o filósofo, é na relação do sujeito com objeto que o trabalho exteriorizado deve ser entendido e não mais como uma simples situação econômica. O trabalho deve ser compreendido como sendo uma “manifestação e realização autênticas da essência humana.” (MARCUSE, 1972, p.19). O trabalho exteriorizado entendido como situação puramente econômica tem sua oposição nas determinações positivas

do trabalho contidas na obra de Marx. O trabalho é um “ato de auto-produção.” (MARCUSE, 1972, p. 20) que leva o homem em direção a sua essência humana, àquilo que realmente ele é. Em seu dever o ser do homem se dá como ser objetivo, ou seja, objetivado. Nessa objetivação o homem se produz e produz o mundo material, exterior. E assim se fazem reais. “O trabalho, assim concebido, é ‘afirmação essencial’ especificamente humana: nele se realiza e se confirma o ser humano.” (MARCUSE, 1972, p.21). Segundo Bachelard (1989), na luta contra o mundo é o homem que toma a iniciativa.

E sobre tais aspectos observamos que Marx de certa forma também coloca o homem no centro do universo, como faz Bachelard. Marcuse também observa que tais aspectos foram negligenciados pela crítica do marxismo vulgar. O marxismo grosseiro considera a conquista da propriedade física como o principal objetivo da revolução, não suprime, contudo, a atividade do trabalho segundo parâmetros econômicos, não liberta o homem da labuta. E diante da labuta para desenvolvimento pleno do homem, a consideração do trabalho em termos econômicos impede sua fruição, não permite sua auto-produção. Se pudermos falar de uma sublimação do trabalho, uma sublimação como ideal a ser atingido, então podemos sugerir o rompimento com o estado de coisas vigente. Nos termos de Bachelard, ruptura nos termos de Marcuse, grande recusa. O homem se estiver em liberdade, se põe a agir, se põe em movimento.

Uma existência estática não é nada mais do que um simples nada. Mais-que-ser eis o ato e sua imagem. A imagem “nos estimula, nos aumenta; nos dá o dever do aumento de si.” (BACHELARD, 2001, p.28) A mão trabalhadora, assim compreendida, se deixa levar pela vontade de poder, pelo poder da vontade. É atribuída a essa mão a expressão dos devaneios da força material, que é movida por duas funções psíquicas: a vontade e a imaginação. Porém, a vontade e a imaginação só se realizam se existir liberdade e, em liberdade, exercendo sua vontade de poder e o poder da vontade é que o homem pode vivenciar sua essência.

Para Marcuse (1969) o trabalho deveria identificar-se com o jogo livre da imaginação, que potencializa o “ser total”, projetando-o, traçando-o e libertando-o da resistência “dominante e coercitiva” da matéria. Tendo o jogo e a exibição como princípio de civilização, haverá uma transformação do trabalho e sua subordinação à livre evolução das potencialidades do homem e da natureza. Dessublimação da razão e auto-sублиmação da sensualidade, eis o caminho para emergência de uma cultura livre.

Um ponto de congruência a se destacar é o fato de que nas teorias desses dois filósofos o que se busca é uma reflexão sobre a racionalidade e o imaginário. Compreender de forma mais clara a relação entre essas duas dimensões psíquicas, retificando erros históricos e propondo novos paradigmas para essa relação, é o objetivo dessa reflexão. Os novos paradigmas reconsideram a importância da imaginação, de forma a dar mais equilíbrio à sua relação com a razão. A relação entre essas duas dimensões psíquicas determina de forma direta a ação humana. O homem age de uma forma ou de outra sobre o mundo, assim, uma existência estática, segundo a teoria do movimento de Bachelard, é o nada. Nesse contexto insere-se a possibilidade de pormos em movimento uma radical transformação do trabalho: de alienado a não-alienado. Ao considerarmos o trabalho não-alienado, poderemos considerar também que este possa não estar adaptado ao aparato capitalista e suas necessidades. Considerando ainda, que Bachelard e Marcuse propõem reflexões acerca de novos paradigmas que possa reconsiderar a imaginação, sugerindo novas formas de ação, é que inserimos o conceito de trabalho educativo. E diante das hipóteses sugeridas pelos filósofos, a educação pode assumir um papel central, visto que o redimensionamento da relação entre imaginação e razão pode ser aplicado ao trabalho educativo em si, e como formador de outros trabalhadores.

Partindo de tais reflexões consideraremos a possibilidade de construção de um mundo novo. Sugerimos aqui algumas reflexões sobre educação dando destaque ao trabalho educativo. Tal mundo pode surgir de um materialismo que ataca o princípio de realida-

de, exigindo sua superação. Para que haja superação tal materialismo necessitará de um projeto. Tal projeto que terá como objetivos a conquista de mais autonomia e se rebelar contra aquilo que Marcuse (1999) chama de mecânica da submissão. Assim se estabelece um conflito imediato contra os padrões psicológicos e de organização do aparato. Esse conflito só pode ser enfrentado pela rebelião de um sujeito histórico essencialmente novo.

A educação burguesa, uma das bases fundamentais da civilização contemporânea, procura de certa forma adestrar os indivíduos objetivando que estes se integrem ao sistema produtivo, laboral e de consumo, justificando assim a máxima: preparar o indivíduo para o mercado. Ao denunciar as relações repressivas de trabalho e sugerir uma noção de trabalho verdadeiramente livre, se faz mister pôr em pauta a posição estratégica que assume a questão educacional. Mas o mercado exige obediência. E mais: se considerarmos a possibilidade de constituir novas relações de trabalho, devemos considerar de forma especial o trabalho docente enquanto trabalho em si mesmo e como participante da formação de outros de trabalhadores. Num sentido mais amplo o trabalho educacional colabora na formação do homem, do mundo e na relação destes. O trabalho docente deve se submeter ou antagonizar com o mercado? Deve contribuir na “produção” de trabalhadores que se adaptem convenientemente ao mercado? Tais questões nos levam a refletir sobre uma outra concepção de trabalho. Marcuse destaca que o trabalho deve ser compreendido, como “categoria filosófica”, como “manifestação e realização autênticas da essência humana.” Essa concepção se contrapõe à noção de trabalho existente, que é destrutiva e provoca a “alienação da essência humana.” (MARCUSE, 1972, p.19). Focando nossas atenções na docência, o conceito de categoria filosófica do trabalho se amplia. A filosofia tem em sua natureza a marca indelével da docência, e a docência refletida é filosofia, desde suas origens até a contemporaneidade.

Ao refletir sobre *Educação Estética* de Schiller, Marcuse afirma que “[...] a salvação da cultura envolveria a abolição dos controles repressivos que a civilização impôs à sensualidade” (MARCUSE,

1972, p.169). Para que possamos atingir a maturidade de uma forma superior de cultura devemos compreender o conflito entre o impulso formal e o impulso sensual. O primeiro restringe a liberdade do segundo. O terceiro impulso é o lúdico. Ele é o mediador entre os impulsos anteriores, assim como entre imaginação e razão. A atividade lúdica desempenha um papel fundamental na conquista de uma ordem não-repressiva. A disciplina estética assume um papel basilar na fundamentação de um mundo novo. O mundo tal como é, constituiu-se a partir de uma relação de caráter repressivo entre duas dimensões psíquicas: imaginação e razão. A disciplina estética tem então, como preocupação primeira, o redimensionamento das relações existentes entre tais dimensões.

A partir da crítica e do devaneio, da imaginação e razão refletidas por Bachelard e Marcuse, perguntaremos: esses dois pares de conceitos são excludentes? Se não são, como eles se relacionam? Entendemos que crítica e devaneio se amalgamam no espírito humano e se manifestam através da imaginação material, que provoca e é criadora. Nessas relações entre crítica e devaneio há uma realidade dialética, realidade que oscila entre a capacidade de crítica racional e a capacidade de sonhar, que chamamos de devaneio crítico. A compreensão de tal realidade dialética pode contribuir com as reflexões sobre educação e o trabalho educativo.

Em sua dimensão epistemológica os autores procuram se afastar da dimensão do imaginário, contudo, não é possível estabelecer a fronteira rígida e bem definida entre o reino das imagens e o reino das idéias. Bachelard afirma que ao afastar a imaginação e razão evidencia-se uma situação desequilibrada e instável. Esse afastamento indica ao pensamento científico a escolha obrigatória pelo intelectualismo. Apesar da escolha do pensamento científico e da falta de limites claros entre razão e imaginação, que gera instabilidade e desequilíbrio, não devemos perder “[...] de vista o pano de fundo do psiquismo onde germinam as imagens.” (BACHELARD, 1977, p. 29).

Apresentaremos agora um debate sobre as rupturas epistemológicas e o estudo de novas possibilidades estéticas para constru-

ção de um novo mundo. O conceito de ruptura epistemológica, de Bachelard, assemelha-se ao de dialética negativa, de Marcuse, no sentido de que as duas confrontam-se com a realidade. Tendo então o paradigma epistemológico como proposta de análise e compreensão do mundo e da educação, soma-se a este, o paradigma onírico, a filosofia do psiquismo imaginante.

A transcendência para uma outra realidade pressupõe uma negação, mas a revalorização da imaginação, a dessublimação da razão e a auto-sublimação da sensibilidade não podem nos conduzir a um irracionalismo inconseqüente. Esta questão é de natureza estética e epistemológica, com reflexos políticos e sociais.

Se o movimento da imaginação é o movimento da alma, o movimento da razão também o é. Podemos então dizer tratar-se de um único movimento constante que muda de direção, ora tende ao devaneio, ora à razão. Movimento que muda também de intensidade, intensidade que é vivida conforme a direção dada. Dessa forma é que propomos o conceito de devaneio crítico. Consideremos, por exemplo, o orador espontâneo que, em uma situação política, artística ou fúnebre inesperadamente é chamado a falar. Tomado pela emoção e sem roteiro prévio oscila na “fronteira” da imaginação e razão. São gestos, expressões, a voz embargada que dão os sinais dessa oscilação, somamos a esses sinais as palavras ditas, e percebemos a marca da racionalidade necessária para qualquer discurso. O discurso oscila entre o gesto emotivo e a palavra clara, entre a imaginação e a razão. Com este exemplo queremos dizer que mesmo que o cientista esteja envolvido em estudos de complexa racionalidade, ele não está completamente desligado de sua dimensão imaginária. Por vezes o imaginário pode até lhe ser útil. Por outro lado, o artista em seu processo de criação, por mais que devaneie não se desprende por completo de sua racionalidade. Nossa dialética profunda é uma oscilação, é o devaneio crítico que se desdobra em vários matizes que são percebidos nas experiências cenestésicas.

Ao considerarmos a possibilidade de realização da civilização madura e autenticamente humana proposta por Marcuse, entendemos que, se faz necessário um contraponto no sentido de reverter o

modelo burguês de educação que é voltado à adaptação dos indivíduos ao modelo de civilização repressora, que tem como objetivo a dominação dos indivíduos em sua integralidade. Faz-se necessário desnaturalizar as condições concretas, dadas pela civilização, que são impositivas e deixam pouca possibilidade de questionamento ou negação. Damos dois exemplos que estão presentes na vida cotidiana e são entendidos como algo que é natural e não uma criação da racionalidade – ou irracionalidade- humana: acreditar que é natural que a sociedade seja dividida em classes e que as condições dadas de trabalho também sejam naturais.

A tomada de consciência do trabalho, que libertaria o homem permitindo que ele desenvolvesse sua essência, desejada por Bachelard e Marcuse, passa, cremos nós, pela tomada de consciência do devaneio crítico. O devaneio crítico exige uma vigilância intelectual de si. O conceito de “vigilância intelectual” de si é o título do quarto capítulo do livro *O racionalismo aplicado*, de Bachelard (1977), do qual faremos uma breve exposição.

O racionalismo aplicado propõe um enfrentamento da razão sobre a realidade. Sua epistemologia é de tal forma crítica que enfrenta a própria realidade da razão: “[...] as normas da razão não são em si mesmas censuras a infringir.” (BACHELARD, 1977, p.95). Essas afirmações não são irracionistas, ao contrário, a vertente epistemológica do filósofo francês tem um racionalismo severo.

É preciso estabelecer critérios para a “correção” da psique, critérios esses que formaram um ortopsiquismo em relação à cultura. Isso implica uma vigilância de si. É então proposto o estudo dessa “[...] vigilância de si em sua atuação cultural e em seus aspectos de domínio intelectual.” (BACHELARD, 1977, p.79). Em nossa civilização o pensamento em seu exercício habitual, cotidiano, tende à expressão. A forma mais elaborada do pensamento, porém, torna-se um segredo. E é nessa duplicidade que o pensamento polêmico se instala. Ao limitarmos as diferenças entre o tácito e o manifesto percebemos: “[...] que o par que controla e é controlado ativa-se em todos os níveis da cultura intelectual e da cultura moral.”

(BACHELARD, 1977, p.81). O eu, segundo Freud, tem em si mesmo uma instância observadora que controla, julga e pune o próprio eu, o superego. Para Bachelard, Freud se esqueceu de tratar da consciência moral normal, aquela não doente, não neurótica. Freud defende a necessidade de socialização das instâncias vigilância. Contudo há uma objeção, o superego se identifica com um primitivismo social pelo fato de que sua socialização se efetiva em bases primitivas, suficiente para explicar as neuroses. Porém, “[...] insuficiente para uma análise completa das instâncias mistas de vigilância e de guia.” (BACHELARD, 1977, p.84)

O superego é segundo Freud, a soma de todas as pessoas que nos julgam, julgaram ou que possam no futuro nos julgar. Bachelard (1977) sugere uma despersonalização do superego que, segundo ele, é o mesmo que intelectualizar as regras da cultura e criar as regras do conhecimento objetivo. Essa despersonalização trata de restituir ao superego suas próprias forças. Instituímos em nós uma vida francamente dialogada quando distinguimos bem a divisão entre o eu e o superego. Temos então uma vigilância (intelectual) e não uma censura (moral, social). Os controles psíquicos são requintados se o superego for psicanalizado, esse por sua vez apóia uma vigilância intelectualizada. Os controles psíquicos dão à cultura sua verdadeira eficácia. Tal vigilância impõe uma substituição do superego de formação histórica. Por um que seja mais coerente e aberto à cultura. Os vínculos sociais são distintos do superego cultural, pois só ele pode ser juiz de si mesmo.

Para compreender a pedagogia psicanalítica bachelardiana é necessário distinguir bem vigilância e censura, de modo a amenizar o caráter absoluto e moralista da segunda em detrimento da relatividade da primeira. Uma pedagogia assim concebida é dinâmica, pois as funções de vigilância de si e de encorajamento de si se desprendem de qualquer moralismo. Segundo Bachelard, ao acompanharmos o encorajamento e vigilância de si surge a oportunidade de “[...] apresentar claramente os vínculos psíquicos que instituem um intelectualismo tônico” (BACHELARD, 1977, p.87) e de percebermos o valor especificamente psíquico. Aqui se destaca

parte importante da teoria, denominada pelo filósofo como psicanálise do conhecimento objetivo. O psiquismo em seu processo de conhecimento objetivo tem a necessidade de progresso, de transformação, de crescimento cultural. Esse crescimento cultural é percebido por ocasião de uma constante direcional que parte de um objeto da vida comum em direção a um objeto de cultura. O psiquismo ocioso do senso comum só conhece uma causalidade ocasional, já um psiquismo de cultura “quer ser causa de si mesmo” (BACHELARD, 1977, p.87). Para que essa necessidade de progresso seja percebida associa-se à função de vigilância de si à função de estímulo de si, que encoraja o ser humano a prosseguir.

Bachelard (1977) se propõe julgar o valor de instrução e, ao fazê-lo, denuncia o caráter autoritário de pais e professores na instrução de uma personalidade ainda em formação. Distingue-se a vigilância autoritária da vigilância intelectual. A primeira é negativa e não gera a confiança de si, ao contrário, traumatiza; a segunda se relaciona de forma direta e dialética com a confiança de si. A vigilância intelectual concede ao psiquismo um dinamismo cultural que o leva a uma necessidade de progresso.

O absoluto da autoridade restringe tal necessidade gerando angústia no indivíduo porque se sente ameaçado; e se afastam “duas almas que se definem uma pela outra numa relação eu-tu.” (BACHELARD, 1977, p.88) A autoridade do educador não pode mais se sustentar em sua suposta onisciência. O papel do educador (pai ou professor) é então o de dinamizar o psiquismo do crescimento psíquico.

A correlação do racionalismo docente com o racionalismo ensinado é intuída pelo educador como indução psíquica. O educador ao fazer crescer também cresce psiquicamente. E sem essa referência direcional a análise dos problemas da educação será incompleta.

Contudo, não se trata de uma defesa de uma educação frouxa de uma cultura não vigiada. Há a necessidade de uma severidade, mas que seja uma severidade justa que apela e aponta, através do discurso, para a necessidade de progresso. Essa necessidade marca profundamente todo psiquismo que busca cultura. A vigilância

provoca no aluno desejo e medo. É então necessário encontrar a justa medida da vigilância para percebemos quando aluno expressa sua necessidade de ajuda ou sua necessidade de autonomia. Os educadores que conseguem sua “justa medida” têm em seu superego intelectual a marca da vigilância de cultura bem objetivada e podem ser neste sentido, uma superpessoa. A vigilância intelectual de si transforma o superego, transformando a pessoa em uma superpessoa, que por sua vez, é conduzida e conduz a evolução da cultura.

Bachelard sugere uma hierarquia dos encadeamentos dos fatos psicológicos. Tais encadeamentos não podem ser expostos num tempo contínuo da vida. O fenômeno é, então, compreendido dentro de um tempo hierarquizado, esse por sua vez, dá ao fenômeno uma ordem lógica e racional. No desenvolvimento de seu trabalho, diz o filósofo francês, o físico renova seu diploma, se aperfeiçoando. Tal aperfeiçoamento ocorre também com seu aparelho psíquico do pensamento correto, ou seja, não neurótico e há um crescimento cultural, um progresso psíquico.

Para Bachelard (1977) toda vigilância deve ser vigiada. Partindo desse princípio procura-se descrever o desenvolvimento das etapas da vigilância. A primeira é a forma mais simples de vigilância intelectual; é aquela que se dá na espera de um fato bem definido, bem caracterizado. Esse primeiro momento é caracterizado pelo espírito empirista, é a tomada de consciência que respeita a contingência dos fatos.

A segunda etapa é a vigilância ao quadrado, que ocorre quando se estabelece um discurso sobre o método. Ela é a que se dá na tomada de “consciência da aplicação rigorosa de um método” (BACHELARD, 1977, p.94). Método que é sempre retificado assim como o pensamento. Esse é um dos princípios básicos da psicanálise do conhecimento objetivo bachelardiana. É um princípio que se confronta com o erro e exige muita atenção em sua aplicação. O rigor exigido pela vigilância ao quadrado não faz mais do erro um motivo de medo e dor; o erro aqui motiva a educação propondo as retificações necessárias.

A terceira etapa é a vigilância ao cubo. Que ocorre quando a vigilância da aplicação do método torna-se insuficiente. Nessa etapa a vigilância recai sobre o próprio método, pondo este a prova. Tanto a experiência (empirismo) quanto a racionalização (racionalismo) desta etapa de vigilância são colocadas em risco por um superego atento e ativo. O superego transita entre o fenômeno e a interpretação realizando sua crítica. Um superego assim constituído acusa:

A vigilância ao cubo tem um pragmatismo que procura a transcendência, a superação, a ponto de se declarar livre da historicidade da cultura. O superego intelectual acusa o eu e o superego de cultura em suas formas antecedentes, e critica o ensino tradicional e a cultura historicamente normalizada pela razão. Neste contexto a história do pensamento científico nos serve, apenas, como exercícios iniciais da formação do eu vigilante. Desprendido da tradição, o superego intelectual, como já mencionado, questiona as próprias regras da razão.

Por fim, Bachelard (1977) sugere uma vigilância elevada à quarta potência. Essa vigilância é apenas mencionada, pois se trata de uma possibilidade que, para uma psicologia do espírito científico, é insensata. O filósofo faz menção à sua obra dedicada à imaginação, é na poesia e na filosofia que “encontraríamos as argúcias extremas da” vigilância elevada à quarta potência (BACHELARD, 1977, p.96). São nos instantes em que o pensamento é percebido pelo ser pensante é que se caracteriza essa suposta vigilância, e tal vigilância parece sugerir uma doutrina dos nascimentos, sempre em busca de uma novidade, uma natividade.

Ao considerar a hipótese de uma vigilância elevada à quarta potência, aproximamos a imaginação e a razão. Cada uma dessas dimensões tem seu próprio estatuto. Porém, em seu movimento anímico ou em sua oscilação, quando se aproximam, é que se demonstra o movimento integral da alma. É a região de nossa dialética profunda que oscila. Dialética essa que damos o nome de devaneio crítico. O devaneio crítico aproxima o paradigma epistemológico e a filosofia do psiquismo imaginante. Essas duas

dimensões procuram, se o psiquismo for equilibrado, a superação da realidade. O esforço filosófico da disciplina estética especializada que Marcuse (1969) faz referência em sua obra consiste também em compreender essa região onde ocorre a oscilação. Nessa região nada está definido ou determinado, mas talvez seja aí que possamos encontrar algumas respostas para a transcendência da realidade. Por isso julgamos necessário dedicarmos nossas atenções ao conceito de devaneio crítico.

A consciência de trabalho de um psiquismo ativo, atento, vigilante, refutador e retificador, é consciência do devaneio crítico. O trabalho intelectual do educador adquire outras configurações, extrapola e muito a educação tradicional que se acomoda diante de suas verdades prontas. O caráter filosófico do educador se aflora com muita clareza quando se percebe a necessidade de se vigiar e, ao mesmo tempo, se encorajar enfrentando sempre novos desafios intelectuais. Crescendo ele mostra ao aluno como se cresce, como podemos dar verdadeiros saltos culturais, fazendo com que cresça também a cultura. E quando falamos em crescer não estamos nos referindo à “simples” diplomação depois de um curso de aperfeiçoamento. O sentido que queremos dar à idéia de crescimento é o de que ele acontece, e é percebido, no momento da cenestesia. Ou seja, no momento em que experimentamos conscientemente nossa existência, essa percepção de nós mesmos é de ordem psíquica e físico-biológica. É anímica e ao mesmo tempo material. Necessitamos ter mais atenção ao nosso instante do movimento psíquico que é o devaneio crítico, pois ele se relaciona de forma direta e imediata com a concretude do mundo real. Nosso psiquismo oscila entre o real e o irreal, entre a imaginação e a razão, e cada um dos pólos dos pares tem igualmente, uma verdade. Nesse instante pode haver uma vigilância não só intelectual como também, imaginária de si.

A consciência de trabalho de um psiquismo ativo aponta para a transformação da realidade psíquica e material. Verificamos nas obras dos autores a idéia da possibilidade de crescimento, ou dito de outra forma, de progresso cultural. Vale salientar que essa trans-

condição não é metafísica e sim materialista, o que se busca e se verifica como possibilidade é uma transmutação concreta.

O racionalismo aplicado, paradigma epistemológico proposto por Bachelard sugere um trabalho no qual o indivíduo põe em ação o seu psiquismo ativo vigilante e livre. Esse paradigma pode indicar uma forma subversiva para a educação, se o considerarmos no contexto das relações sociais; é nesse contexto que se sugere um redimensionamento da relação entre imaginação e razão. Surgem, então, questões ideológicas que propõem um engajamento ideológico, posto que propõem também uma transformação cultural. Marcuse (1999) comentando a obra de Marx diz que as forças produtivas são os resultados da energia humana aplicada e tais energias têm suas forças objetivas e subjetivas. Ao analisar a dinâmica da mudança social o filósofo alemão questiona o rumo dado ao desenvolvimento social. Questiona ainda se realmente essa dinâmica social inclina-se para a libertação material e intelectual da sociedade como um todo, neste sentido afirma que a ideologia “se levada a sério” (MARCUSE, 1999, p.189), pode indicar novos caminhos, uma nova ordem.

Para Marcuse (1969), a fantasia é cognitiva e ainda em *A Dimensão Estética*, afirma que como alienação a arte tem uma função cognitiva, pois “[...] comunica verdades não comunicáveis noutra linguagem; contradiz.” (MARCUSE, 1977, p.22). Ora, se a existência e função do indivíduo na sociedade alienam-se com o empenho da arte, empenho esse que propõe um mundo esteticamente diferente daquele da vida cotidiana, então a arte compromete-se a emancipar, subjetivamente e objetivamente, a sensibilidade, a imaginação, e a razão. As atividades científica e artística, racionalista ou imaginária têm, apesar de distintas, valor cognoscitivo; essas atividades refletem de maneira direta na política e na forma de organização do aparato. Marcuse (1977, p.25) destaca mais uma vez o caráter ideológico, no contexto da arte, que tem o seguinte imperativo categórico: “as coisas têm que mudar.” E tal imperativo pode influir na organização do aparato. Verificamos que na constituição da ciência e da arte e no debate epistemológico e estético

há uma preocupação ideológica. A arte, como nos lembra Motta Pessanha (1988) propõe reflexões sobre alternativas de uma nova existência, aceita as provocações do mundo e tenta respondê-las. Por outro lado, Bachelard observa que as rupturas epistemológicas, que são fundamentais ao novo espírito científico, são subversivas. E se na análise epistemológica da teoria da mudança social, proposta por Marcuse (1999), aplicarmos as teses epistemológicas de Bachelard, notamos que: se aplicadas em conjunto verificaremos seu caráter revolucionário, pois procuram romper com o nexos social de destruição e submissão, nexos constituído a partir de um modelo de racionalidade repressiva.

O trabalho educacional adquire, dentro desses parâmetros teóricos, seu engajamento, sua ideologia. Não uma ideologia de tendências partidárias distintas, preocupadas com a tomada de poder, que configuram a civilização contemporânea. Tal ideologia propõe, ao contrário, uma ruptura nos dizeres de Bachelard, e nos dizeres de Marcuse, pertence ao campo da grande recusa.

Considerando tais aspectos, se faz evidente o papel estratégico da educação, formal ou não, na constituição e na manutenção da cultura e da civilização. A formação do indivíduo pode se constituir sobre novas bases, novos objetivos; bases e objetivos que possam configurar uma ideologia cognitiva que tenham um caráter rebelde, e tal necessidade de rebeldia sugere algumas reflexões sobre pedagogia.

Se considerarmos o conceito de revolução como ação direta (beligerante ou não) sobre a realidade com o objetivo de subvertê-la radicalmente, podemos considerar também, a partir das reflexões dos autores aqui apresentadas, uma pedagogia que, mais em sua constituição, do que em sua direção, demonstra-se revolucionária. Ao discutir as teorias da mudança social Marcuse (1999) demonstra, como faz Bachelard (1977) por outras vias, o caráter conservador da educação, que estabelece a afirmação da cultura. O ensino tradicional serve, segundo Bachelard (1977), apenas como exercícios de iniciante; o novo espírito científico pede novos padrões de racionalidade que afirmem a emergência de uma nova

Considerações psicanalíticas sobre o trabalho: possibilidades de transformação da psíque e do mundo material

cultura, um novo mundo, no qual se afirme também uma outra sensibilidade. Esses novos padrões desafiam a sensibilidade, racionalidade e realidade impostas pelas instituições sociais dominantes. Ao aceitar esse desafio, o esforço filosófico do trabalho docente, demonstra seu caráter revolucionário, não no sentido de uma doutrinação dessa ou daquela corrente política, mas no sentido de libertação dos indivíduos e da sociedade.

## *PSYCHOANALYTIC CONSIDERATIONS ABOUT THE JOB: POSSIBILITIES FOR PSYCHE AND MATERIAL WORLD TRANSFORMATION*

**ABSTRACT:** *In this article I show reflections about the relationship between imagination and reason, embodied in Gaston Bachelard and Herbert Marcuse's works, and the importance of such discussion to education. Teaching takes a philosophical category because it can establish parameters for an aesthetic subject which resizes the relationship of imagination to reason. What is proposed is another epistemological paradigm and a philosophy of imaginative psyche. The first suggests epistemological ruptures, the second, new aesthetic possibilities. It is an aesthetic discipline that seeks to understand the dialectical relationship of imagination and swing right. Bachelard suggests, to this end, a pedagogy that proposes a psychoanalytic concept and method of intellectual self-monitoring, and distinguishes the moral censure, imbued with an authoritarian, surveillance of intellectual relativism. The teaching takes a strategic position in the formation and transformation of culture when seeking to transcend reality and consider the possibility of building a new world. This transformation can just be realized through the action of a historical subject, essentially new, seeking autonomy and confronting the mechanics of submission concerning the psychological patterns and organization of the apparatus.*

**KEYWORDS:** *Imagination. Reason. Oscillation. Work. Educational work.*

## REFERÊNCIAS

BACHELARD, G. **A terra e os devaneios da vontade**: ensaio sobre a imaginação das forças. Tradução de Maria Ermantina Galvão. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

\_\_\_\_\_. **A água e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação da matéria. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

\_\_\_\_\_. **A dialética da duração**. Tradução de Marcelo Coelho. São Paulo: Ática, 1988.

\_\_\_\_\_. **O racionalismo aplicado**. Tradução de Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

MARCUSE, H. **Tecnologia, guerra e fascismo**. Tradução de Maria Cristina Vidal Borba. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.

\_\_\_\_\_. **A dimensão estética**. Tradução de Maria Elisa Bete Costa. São Paulo: Martins Fontes, 1977.

\_\_\_\_\_. **Idéias sobre uma teoria crítica da sociedade**. Tradução de Fausto Guimarães. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

\_\_\_\_\_. **Eros e civilização**: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.

PESSANHA, J. A. M. **Bachelard e Monet**: o olho e a mão. In: NOVAES, A. (Org.). **O olhar**. São Paulo: Cia das Letras, 1988. p.149-165.